



Boletim Informativo

Casa do Artista

Editorial

Volume XLII, Edição II

Agosto, 2020

Bem-vindo Sr. David José



Nesta Edição:

Bem-vinda à Casa do Artista	2
Lisboa Ainda	3
Daqui Falo Eu - Maria José Valério	3
Bem-vinda Lily Neves	5
Aquilo Que a Gente Faz	6
O Inimigo Sem Rosto	7
Bem-vindo Sr. David José	8
Fado das Rugas	9
Longa Vida	9
Factos Y Ficcionismo	10
Até Sempre D. Manuela Madureira	14

"Todas as grandes ideias surgem num contexto particular e da forma como um indivíduo ou um grupo enfrenta uma problemática.

O contexto particular subjacente à génese da Casa do Artista é fácil de descortinar, porque perdura passadas décadas: a instabilidade e desregulação das atividades daqueles que devotam a existência ao mundo do espetáculo.

A concretização exemplar do projeto Casa do Artista tem vinte anos, mas o sonho- a "utopia", como os cétricos lhe chamaram- arrastou-se por décadas, numa luta que razão e doação justificaram.

Nos antípodas da utopia e, para lá do sonho, permanece a força da solidariedade daqueles que ontem, como hoje, abrem janelas nos muros da indiferença, visando a dignificação de quem serve a cultura do espetáculo, nas suas múltiplas vertentes.

Oscar Wilde dizia que " a forma mais adequada ao artista é... a ausência de Governo". Enganava-se, porque, entre nós, essa ausência gera a instabilidade e desproteção ancestral do meio artístico.

É modelar a mobilização das boas-vontades que minimizam situações limite no porto de abrigo que é a Casa do Artista, mas impõem-se-lhes réplicas, semelhantes exemplos de dedicação.

Não existe outra via para a solidariedade, senão a partilha e o respeito pela dignidade individual, com a noção de que solidariedade não é dar o que sobra, mas o que falta na vida dos outros.

Será demais pensar que os profissionais do espetáculo, mais dia menos dia, terão condigno reconhecimento por quem de direito, e que a Casa do Artista virá a ter as réplicas que urgem?

Sejamos tão otimistas como Ruy Belo, quando disse:

"O Portugal possível é um país aonde o puro pássaro é possível/ e sobre o negro leito do asfalto da estrada as crianças desenharão, a giz/ esse peixe da infância que vem na enxurrada/ mas desenhem elas o que desenharem/ é essa a forma do meu país/ e chamem-lhe elas o que lhe chamarem/ Portugal será e lá serei feliz/ poderá ser pequeno como este/ ter a oeste o mar e a Espanha a leste/ tudo nele será novo desde os ramos à raiz/ à sombra dos plátanos as crianças dançarão / e na avenida que houver à beira-mar / pode o tempo mudar será verão...

Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz/ mas isso era o passado / e podia ser duro edificar sobre ele o Portugal futuro!"

BEM-VINDA À CASA DO ARTISTA

Joana Silva foi uma cantora óptima e sobretudo uma professora de uma geração de cantores onde eu me incluo que, deu muitos frutos de ouro.

É uma mais-valia para a Casa do Artista tê-la connosco. É uma pessoa muito querida com quem converso sobre coisas boas do nosso passado. Bem-vinda Joaninha e seja muito feliz aqui.

Autora: Helena Vieira

(Actriz e Cantora Lírica/Residente da Casa do Artista)



Para recordar...

**como era
antigamente!**

“O idoso conserva as suas faculdades se mantiver vivo os seus interesses . ”
(Cícero)



“Palavra das mais pequenas
grande mistério contém,
tem três letrinhas apenas
o doce nome de Mãe.”

Christovão

LISBOA AINDA

Lisboa não tem beijos nem abraços
não tem risos nem esplanadas
não tem passos
nem raparigas e rapazes de mãos dadas
tem praças cheias de ninguém
ainda tem sol mas não tem
nem gaivota de Amália nem canoa
sem restaurantes, sem bares, nem cinemas
ainda é fado ainda é poemas
fechada dentro de si mesma ainda é Lisboa
cidade aberta
ainda é Lisboa de Pessoa alegre e triste
e em cada rua deserta
ainda resiste

Autor: Manuel Alegre
(Escritor e Político Português)

DAQUI FALO EU - MARIA JOSÉ VALÉRIO

Faz hoje precisamente vinte e cinco anos que a minha melhor amiga, a minha mãe me deixou. Foi uma partida inesperada, ela era aquela irmã mais velha, com quem eu chorava e ria, de quem recebi uma educação maravilhosa, e a quem devo aquilo que sou.

Curiosamente hoje a minha companheira de quarto, a D. Manuela Madureira, de quem gosto muito me pregou um grande susto, quando percebi que estava passando mal e corri para a ajudar naquilo que me foi possível fazer, que foi ligar para a recepção dizendo à querida Aninhas o que estava acontecer.

Dia triste este que vou guardar para sempre no meu coração. Beijos e abraços e votos de muita saúde.

Autora: Maria José Valério
(Cantora Ligeira/Residente da Casa do Artista)

CANTINHO DAS ANEDOTAS



Um bêbedo foi baptizado e, depois de três vezes mergulhado na água, diz-lhe o padre:

- “Agora és uma nova criatura, o antigo Luís já não existe. Não existe mais álcool na tua vida. O teu nome agora é Jacob!”

Jacob chega a casa, vai directo ao frigorífico e tira uma garrafa de cerveja. Mergulha-a três vezes na água e diz:

- “Agora és uma nova criatura, a velha cerveja já não existe. O teu nome agora é sumo de laranja!”

Um polícia manda parar um padre que seguia de bicicleta a grande velocidade:

- “O Sr. está multado!”

- “Por favor Sr. Polícia, eu vou com Deus.”

- “Pior ainda, leva um pendura”.

Autora: Natália Guimarães

(Ponto de Teatro/Residente da Casa do Artista)

CANTINHO DOS PROVÉRBIOS

1- Mágoa que não _____, não _____;

2- Em Roma, sê _____;

3- Quem _____, sempre _____;

4- A fome é má _____;

5- Pelo andar da _____, vê-se bem quem lá _____;



Autora: Isabel Mexia

(Pianista/Residente da Casa do Artista)

(ver soluções na página 15)

BEM-VINDA LILY NEVES

A Casa do Artista dá as boas-vindas a Lily Neves. Foi actriz de teatro, de revista e de comédias, tendo trabalhado com grandes nomes do panorama artístico português.

À conversa com o “Boletim Informativo” confessou-nos que sempre gostou de *ballet*. Quando frequentava o liceu, conheceu a coreógrafa Margarida de Abreu e inscreveu-se no Conservatório, no curso de Teatro. Aí conheceu outros colegas como os actores Armando Cortez, Ruy de Carvalho, Joaquim Rosa e a bailarina Ruth de Aragão.

Inicia então o seu percurso artístico no teatro, tendo participado em inúmeros espectáculos como: “As Aventuras do Capitão Bonifrates”, no Teatro Nacional; “A Ratoeira” e “O Homem que veio para jantar”, no Teatro Monumental; “A Desconhecida”, de Pirandello, no Teatro Avenida, tendo trabalhado com actores célebres como Lourdes Norberto, Maria José, João Villaret, Laura Alves, Eunice Muñoz e Assis Pacheco.

No Teatro Variedades fez várias peças cómicas, ao lado de grandes actores como António Silva, Luísa Durão, Maria Helena Matos, entre outros.

Fez também teatro radiofónico nos “Parodiantes de Lisboa”, onde esteve durante muitos anos.

Considera-se uma pessoa comunicativa, alegre, bem-disposta e gosta sempre de fazer “comédia na vida”. Tem muita vivacidade, apesar de todas as adversidades. Gosta de ler e procura saber sempre mais.

Relativamente à Casa do Artista, afirma que é um projecto notável, com pessoas simpáticas e eficientes, onde reencontrou vários amigos e colegas como Manuela Maria, Maria Candal, Lourdes Norberto, Maria Adelina, Isabel Rosado, João Rodrigo, entre outros.

Desejamos que a actriz Lily Neves se sinta bem nesta Casa de Afectos e Emoções.

Autor: Ricardo Madeira

Colabore com a próxima edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.

Contamos consigo!



AQUILO QUE A GENTE FAZ

No labutar desta vida
Na luta que a vida traz
Cada um vale mais ou menos
Conforme aquilo que faz

Eu gostava de saber
Se produzir satisfaz
Cada um vale mais ou menos
Conforme aquilo que faz

Mas hoje em dia a desordem
Traz tal motivo sagaz
Cada um vale mais ou menos
Conforme aquilo que faz

Mas se eu fosse entendida
E deste saber capaz
Procuraria saber
Se cada um vale o que faz

Autora: Júlia Chaves
(Actriz e Cantora/Residente da Casa do Artista)

JÚLIA FLORISTA

Júlia sou, mas não florista
é bem curta a minha história.
Sou Júlia fadista
boémia bairrista.
Está no fado a minha glória.

Autora: Júlia Chaves

O INIMIGO SEM ROSTO

Que Mundo é este meu Deus! Demorei muito tempo para me capacitar se é mesmo verdade o que está acontecer em todo o Mundo. Esta calamidade tão trágica, chego a ironizar pensando cá para mim que um drone resolveu viajar por todo o Mundo e regar por maldade, este maldito vírus! “Vivemos uma estranha forma de vida” (palavras da grande Amália Rodrigues), levando os nossos cérebros a recolher sensações estranhíssimas, desorientando os nossos pensamentos.

Uma coisa é certa, o Mundo já não vai ser o mesmo. Não sei nem nunca hei-de saber se o Mundo será melhor ou pior! O que eu sei neste momento é que vai ser muito difícil sair das nossas cabeças este turbilhão de pensamentos e ideias, que estamos a viver. Vamos precisar de muita ajuda, para conseguirmos tranquilizar-nos. Como eu gostava de me transformar em fada boa, como nos contos de fadas e acabar com este maléfico vírus, que não quer deixar-nos em paz. Chega!

É tão angustiante o que estamos a viver. Valeu o termos conhecido melhor a humanidade e não sermos egoístas como pensávamos. Tem sido maravilhoso e não serem cegos, surdos e mudos. A maioria do povo está a cumprir todas as regras e com um comportamento exemplar. Chego a chorar de emoção, ao saber que tantos os médicos, os enfermeiros, os auxiliares, os cientistas e todos os profissionais sociais que trabalham dia e noite nos hospitais e diversas instituições e com pouco descanso, arriscando as suas próprias vidas. Que Deus os proteja, obrigada! Há muitas outras profissões como os bombeiros, os polícias, os distribuidores, os agricultores, os pescadores e tantas outras ... a todos eles muito muito obrigada.

É reconfortante saber que tantas almas boas têm oferecido tanta coisa para ajudar a salvar muitas vidas. Também há aqueles voluntários anónimos, que estão a trabalhar com muito bom coração, abrangendo todas as áreas, muito e muito obrigado.

Vamos ser positivos e ter fé, e pensarmos que este pesadelo vai acabar. E todos juntos construirmos tudo de novo e procurarmos ser solidários uns com os outros.

Eu acredito na Humanidade!

Autora: Maria Candal
(Actriz e Cantora Ligeira/Residente da Casa do Artista)

BEM-VINDO SR. DAVID JOSÉ

É um Cantor Multifacetado Português mas que percorreu o Mundo com a sua Voz.

Nunca tive a oportunidade de o conhecer e ouvir ao vivo mas, sei muito bem quem é o David José!

O seu nome chegou até mim através de uma amiga comum, a nossa saudosa Fernanda Baptista, era ela que muitas vezes carinhosamente me falava dele, fez muitos espectáculos de variedades e de Revista com o cantor.

Só muito recentemente encontrei um single em vinil com 4 temas cantados por David José

Como refiro em cima, sei que para além de cantar fez também teatro de Revista, cantou em casinos, alguma televisão e muitos espectáculos pelo mundo ao lado de grandes nomes como Amália Rodrigues ou Lola Flores entre muito outros.

Foi casado com um nome também marcante do fado Constança Baptista

Apesar do êxito e da Fama, a vida não lhe foi fácil bem pelo contrário, algumas vezes até “madrasta”

Há cerca de dois anos fui alertado também por uma amiga comum, a cantora Maria Adelaide, em relação ao que se estava a passar e pedindo-me que eu o procurasse para lhe dar força e ajudar no que fosse possível, nunca consegui localiza-lo e apesar da Maria Adelaide contactar algumas identidades foram-lhe sempre negadas informações.

Ao fim de dois anos uma boa notícia chegou até nós! Finalmente o David José era o mais recente habitante da Casa do Artista, finalmente volta a estar no seu ambiente e junto de muitos dos seus colegas.

Do David José tenho no meu vasto espólio para além do vinil duas bonitas fotos de cartaz que me foram doadas pelos familiares do actor e empresário Fernando Ruas, uma foto de grupo numa digressão aos EUA com a saudosa Fernanda Baptista e o Artur Garcia, entre outros.

Há muito que não escrevia para o “Boletim Informativo da Casa do Artista”, mas hoje regresso com esta enorme felicidade partilhada com a Maria Adelaide de saber que o David José está bem!

Infelizmente devido ao que actualmente se está a passar no nosso país, ainda não me foi possível conhecê-lo pessoalmente e levar-lhe o abraço da Maria Adelaide mas espero poder fazê-lo muito em breve

Aplausos para o David José e um obrigado à Casa do Artista por todo o carinho e dedicação às estrelas do meu país!

Autor: Miguel Villa
(Actor)

FADO DAS RUGAS

Por vezes até tenho dó
 Na memória sinto fugas
 O rosto da minha avó
 Era um crivo de rugas

Se tardas amor não venho
 Dedico isto a alguém
 Rugas ainda não tenho
 Nem eu nem a minha Mãe

Com fados e guitarradas
 Tradição com ar bairrista
 Cantei lá três desgarradas
 Usei xaile de fadista

Fiquei com a pele enrugada
 Ao lembrar o meu passado
 Eu já não sei cantar nada
 Junto à Rainha do Fado

Fados que são glória
 Por vezes bem altaneiro
 Lembra o Fado Vitória
 E a Marcha do Marceneiro

Digo eu sem represália
 Ao estrangeiro com muitas fugas
 Lembram a cara da Amália
 Que linda, não tinha rugas

Autor: Júlio Coutinho
 (Actor/Residente da Casa do Artista)

LONGA VIDA

A vida começa cedo
 E quando a vida começa,
 Começa a gente a ter medo
 Que a vida acabe depressa

Há quem contente e feliz
 Guarde da sorte e o segredo,
 Porque não sofre, não diz
 A vida começa cedo

Mas um dia por desgraça
 A felicidade tropeça,
 Quando a sorte se embaraça
 E quando a vida começa

Desde então tudo parece,
 Enleado num enredo
 E quando, “a vida”, acontece
 Começa a gente a ter medo

E se a má sorte em cortejo,
 Nosso viver atravessa,
 O medo traz o desejo
 Que a vida acabe depressa

Autora: Natália Guimarães

“Eu gosto tanto de fazer comer
 como de cantar. É igualzinho ...
 E tanto improviso no comer
 como no Fado”

Autora: Argentina Santos
 (Fadista)

FACTOS Y FICCIÓNISMO

Na sineta da Ermida/O badalo toca forte/Toca, a saudar a vida/Toca, a embalar a morte
A nossa bela Soraia/Com o xaile de artista/Alegra os nossos convívios/
Com a alma de fadista

SONETO ÀS RUGAS

Amo-te, no instante deste instante
Rugas nos instantes deste agora;
Minhas rugas, um amar, na mesma hora,
Tuas rugas, o meu amor constante.

Busco em mim a lágrima que não chora
A ilusão nas auras do distante:
Saudade, sonho, dor, soluço amante,
Instante da mocidade a ir embora.

Estar, e não estar, o meu estar:
Um afogar as rugas no teu seio,
As tuas em mim, eu, desejo e medo.

Instante que te afoga o afogar
No seio do instante em que vagueio,
Instantes a guardarem doce enredo.

(1º Prémio em poesia lírica nos Jogos Florais)

Autor: Afonso Henriques

(Técnico da Central Técnica de Programas da EN-RDP/Residente da Casa do Artista)

NEM TUDO O QUE PARECE, É

(Conto enviado aos Jogos Florais)

Olhei as minhas rugas no espelho da casa de banho, não tão grande como o da sala de estar em casa de meu avô paterno, onde, menino em férias, férias grandes, do Natal, ou pela Páscoa, remirava a vaidade, neto preferido dos avós, a avó a ansiar a chegada, a aconchegar-me logo ao bojo do peito, a beijar-me, eu a acariciar-lhe as rugas macias, torgalhos de taleiga no alvoroço das carícias.

Uma tarde, após o almoço cozinhado nos lumes da lareira, como sempre, em caçoila de barro preto ou panela de tripé, achas e corcódeas a crepitarem, o avô, pondo o chapéu de feltro e pegando a bengala com ponteira de latão amarelo, disse-me: «Vem». Bebi água num dos fontanários a jorrar para o reservatório onde o gado se dessedentava, as lambidelas, um cheloque, cheloqe, e para os lavadoiros comunitários. Perguntei: «Aonde vamos, avô?» As rugas do avô eram pirites ao sol, um cintilo que brotava, mais forte que o jorro de água no fontanário. A voz do avô foi um adocicado gutural na cova do meu ouvido: «Uma passeata a desmoer o moio». Fiquei intrigado. Passeata, a desmoer o que comi? Eu comera como um lambodas, é certo: morcela no borralho, embrulhada em folha de couve, espigos, broa e leite-creme, mimos da avó. Eu mimava-a, também, com a minha alegria, os meus obrigados, e repenicados beijos nos serenos sulcos das rugas. Mas, uma passeata a desmoer o almoço... Tal costume e uso, somente nos repimpares da sesta. Pelo menos, eu. Estangado no colchão --- um lorde, nos dizeres bons da avó --- cheiro a palha nova e zaranzo de moscas, um zoar a embrulhar-se na meia-penumbra do quarto. Neste, e noutros dos meus engulhos inventados, assim, emaranhado de giestas nas testadas, chegámos ao termo da aldeia, encruzilhada de sete caminhos. O cruzeiro, plantado na encruzilhada, fora aspergido a contento no acto da inauguração (água benta pelas alminhas em ressaca no purgatório) estava afeiado, pedra a ser comida pelos líquenes. Num pronto, embicámos a um dos caminhos, o mais esganado entre pinheiros, cheiros a urze e a rezinas, e um debandar de corvos, brrrr, os grasnares, no alevanto, a beliscarem-me todo.



O caminho, um deslizar de cobra a largar a pele, serpeava, arrebitava-se, monte acima e além dele, a tentar sítios. Subida agreste a deparar-se-me, anos depois, igualzinha ao antes numa caçada em que fisguei uma lebre que alegrou a patuscada dos amigos, não a mim, pois nunca comi caça fisgada pela minha pontaria, mas, tão-só, activação da memória no coruto da subida: a sabedoria das rugas do avô --- que eu amava em meus sonhos e no quotidiano das realidades --- congeminara o passeio a desmoer as minhas casmurrices e medos, preclara ajuda aos enrijares subtis de qualquer ser em crescimento.

Conto:

--- Eu sonhara: nuvem a vogar muito para os além de todos os azuis, onde, vestidos com túnicas de felpas de sol e imbuídos das complacências de Deus, um colégio de santos esculpia rugas nas olarias da imaginação e, depois, com gestos amplos, as aspergiam para a Terra, onde os justos se deslumbravam a apará-las. Chegados à velhice, as rugas floriam-lhes no rosto, em bondade, amor, bonomias, conhecimento, lucidez, clarividências; e, como herança, eram doadas, geração em geração, plantio imutável e soberano.

Lembro-me bem! Após o alevanto dos corvos, eu, pela mão do avô, serigaitava pensamentos pelo sonho e inquiria-me se, ente achegado aos avós, seria um dos predestinados a tais doações quando, súbito, mui súbito, alarmado e medroso, vara verde na fúria do alevanto de muitos bandos de corvos a taparem a copa dos pinheiros, as pinhas, o farfalho do ondular da caruma, me cosi ao burel das calças do avô: «Ali! Um lobo, avô!», língua pendurada, faiscar de olhos, arrebitar de orelhas, corpanzil arruçado, patorras fincadas no saibro do caminho e prontas a arremeterem como se eu uma gulodice a dentes arreganhados. O avô, sereno, muito sereno, mais do que vimes da poça aquando do tempo com ares parados, perguntou: «É a primeira vez que vês um lobo?» e acariciou-me as repas.

O lobo, afinal, argalho ressequido em poses de lobo no dobrar da lombada do caminho. O avô, continuando a acariciar-me as repas, afagou o vetusto veludo das rugas: «É para veres que nem tudo o que parece, é» e retornou pelo mesmo caminho, eu, quando em vez, a olhar para trás, com medo que o lobo, sorrateiramente, viesse a aguçar desígnios pelas sombras.



RUGAS PROVECTAS

(Também a Concurso)

Lembro tempos
 Em que o tempo
 Era tempo sem tempo:
 Imaginário imberbe
 Espasmos existenciais

Dialéticas fúteis
 Diletantismo
 O azul,
 Pelas frinchas de nuvens zangadas,
 A repuxar o infinito
 E os efémeros da tormenta,
 Ousadia de idade sem rugas
 E tempos que me assistem
 E modelam novos horizontes

Outros crepúsculos
 Outros fôlegos
 Que embelezam
 Alimentam
 O provecto das rugas:
 Bosque frondoso
 Verde
 Verde e fértil
 Anciãos nas clareiras
 A semearem sonhos
 Nascentes e lagos
 E rugas
 Um cumular de conhecimentos
 Arar de ideias
 Ideais
 A inocência volúvel a dissolver dúvidas

A mitigar impulsos sequiosos
 Sorvendo, na redoma do céu,
 Músicas do abstracto
 Pautas dos impossíveis
 Cordame sem molas
 Onde secam roupagens sensoriais
 Ensopadas no fluir das formas
 Vara de vedor a fluir vontades
 Pedestal movediço na arriba instável
 Base filosófica da coluna lúcida
 Onde as rugas do saber se equilibram
 Intuem memórias
 Destriçam enigmas
 Alastram pelos arabescos do capitel granítico

Sábio
 Arroubo cósmico
 Essência da natureza coerente
 Fermento do paraíso
 Levedar de raiz
 Árvore pujante
 Rugosa
 Plantio no húmus certo:
 O das rugas
 Caminho escolhido
 Na hora do plantio
 Memorial nos hoje
 E nos amanhã
 A orvalhar
 Tempos de acertos.
 Ai as rugas de uma figa
 Como figos na figueira;
 Figos secos, rugas sábias,
 Minhas rugas companheiras.

Autor: Afonso Henriques

ATÉ SEMPRE D. MANUELA MADUREIRA



(Fotografia: D. Manuela Madureira e Miguel Villa)

Nesta manhã de sol de 4 de Maio, acordo mais triste, a “tia” Manuela deixou-nos meses antes de completar o seu centenário!

Manuela Madureira foi profissional de maquilhagem na televisão e no cinema. Era viúva de outro grande profissional da maquilhagem na RTP, o Senhor Madureira que todos conheceram.

Há muitos anos que conhecia esta senhora apenas por fotografia, bonita, sempre arranjada, maquilhada e com os seus grandes óculos escuros, sempre muito independente e autónoma no alto dos seus 99 anos.

Só a conheci pessoalmente quando foi viver para a Casa do Artista e ali me foi apresentada pela sua sobrinha, a actriz Florbela Queiroz.

Desde logo existiu uma enorme simpatia entre nós os dois!

A Dona Manuela era muito divertida e bem-disposta.

Sempre que visitava a Casa do Artista, a D. Manuela dava-me sempre um grande abraço e beijinhos.

Desde Novembro para cá a nossa convivência passou a ser maior, pois com a ida de Maria José Valério para a Casa, ambas partilhavam o mesmo quarto!

Fiquei logo muito feliz por saber que iam ficar juntas pois sabia que se iam dar muito bem e assim foi.

Era nestes últimos seis meses uma festa sempre que eu ia à Casa do Artista, lá lhe punha o telemóvel a funcionar que ela achava que estava avariado por falta de bateria, lá me mostrava as suas fotografias de quando era um “Borracho” como me dizia a gargalhar e assim a nossa amizade ficou ainda mais forte, para mim era também a “Tia” Manuela.



Na passada semana falei com ela ao telefone pela última vez sem saber... com o problema que o nosso país e o mundo atravessa não nos é permitido visitas aos lares e nem à casa do Artista, então ao telefone perguntou-me “Então quando é que vens cá ver as velhotas? Já tenho saudades tuas”, sorri e respondi-lhe que assim que o COVID-19 nos deixasse que iria lá abraça-las e visita-las como sempre.

Já não vai ser possível, abraça-la, receber o seu beijo e ficar com a marca do batom no rosto.

Ficam as recordações, as memórias e os momentos passados.

Até Sempre D. Manuela!

Sentidas Condolências à Florbela e ao Carlos Queiroz assim como a toda a “família” da Casa do Artista.

Autor: Miguel Villa

MANUELA MADUREIRA

A D. Manuela deixou-nos. Ninguém esperava, mas aconteceu. Fazia dentro de poucos meses 100 anos, mas ninguém lhos dava, como se diz. A sua pessoa vai fazer falta aos amigos, pois já estávamos habituados a vê-la aqui quase sempre. Era reservada e pouco faladora, e como saía pouco, parece que já fazia parte desta casa. Tinha aparência de ser saudável, e raramente estava doente. Vestia-se com cores garridas e parece que aligeirava um tanto o ambiente. Conserveu até partir um porte invejável, com uma figura de modelo e um andar de bailarina. Teve a felicidade de não conhecer a decadência. Com saudade.

Autora: Isabel Mexia

SOLUÇÕES

- 1- ... não se vê ... não se sente;
- 2- ... romano;
- 3- ... espera ... alcança;
- 4- ... conselheira;
- 5- ... cartuagem ... vai dentro.

**PROPRIEDADE:
APOIARTE
CASA DO
ARTISTA**

Estrada da Pontinha, 7
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890

Correio Eletrónico:
geral@casadoartista.net

www.casadoartista.net



[https://www.facebook.com/
ApoiarteCasadoArtista/?
ref=settings](https://www.facebook.com/ApoiarteCasadoArtista/?ref=settings)



“apoiarte_casadoartista”

A APOIARTE/CASA DO ARTISTA - Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam, ou tenham exercido, funções relacionadas com a actividade do espectáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio. A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Artes constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objectivos definidos na sua génese.

A Casa do Artista abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos residentes.



Ficha Técnica

Edição:
Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

Coordenação:
Carla Andrino
(Psicóloga Clínica/Actriz/
Vogal da Direcção da
Casa do Artista)

Revisão:
Fernando Tavares Marques
(Actor/Tesoureiro da
Direcção da Casa do Artista)

Periodicidade:
Bimensal

Tiragem:
50 exemplares

Nota: Este boletim não foi redigido ao abrigo do Acordo Ortográfico.



**AMOR, SOLIDARIEDADE,
SAÚDE E ESPERANÇA**